

nas modalidades tradicionalmente usadas nas aulas possibilitou maior adesão dos alunos que passaram a potencializar suas importâncias na formação do time da classe, reduzindo muito os alunos que não participavam das atividades programadas. Tais adaptações originaram modalidades como “Handfut” que é uma fusão do futebol praticado pelos meninos e do handebol ou futebol praticado pelas meninas, preservando regras específicas, onde acontece uma limitação de posse de bola e conseqüente limitação dos alunos mais hábeis em favorecimento dos menos hábeis. Também o “Handfutket” trata-se de uma modalidade envolvendo as modalidades de Handebol, Futebol e Basquete, ambas com as restrições de posse de bola programadas nas modalidades. A troca de uma modalidade para a outra se dá a cada 2 minutos com um longo apito e a substituição da bola em jogo.

Palavras-chaves:

Educação Física Escolar, Atividade Física, Handfut, Handfutket.

ANÁLISE ANTROPOMÉTRICA DOS PÉS DE PRATICANTES DE BALLET CLÁSSICO QUE UTILIZAM SAPATILHAS DE PONTA

*Andreja Paley Picon**
*Silmara Spinardi Franchi***

Introdução

O Ballet Clássico vem se desenvolvendo ao longo do tempo e sendo considerado como a base precursora para muitas das modalidades em dança, que se utilizaram de sua base técnica e estrutural, e mesmo aquelas surgidas em sua contestação ideológica.

Para sua pratica, as bailarinas clássicas utilizam em seus treinos e apresentações calçados específicos denominados sapatilhas, que podem ser de ponta e meia-ponta (figura 1). Estas são confeccionadas em couro, lona, cetim, papéis especiais, palmilhas flexíveis e cola (PICON, 2004).

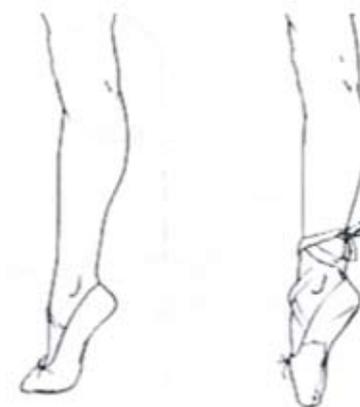


Figura 1. Sapatilha de ponta e meia-ponta (adaptado de HARDAKER; MOORMAN, 1986).

* Mestre em Biodinâmica do Movimento – USP. Professora titular: Centro Universitário de Araraquara – UNIARA. Centro Universitário Central Paulista – Unicep.

** Bacharel em Educação Física do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA.

As sapatilhas de ponta devem suportar o peso do corpo em base extremamente diminuída, para que isto ocorra, elas levam em sua estrutura uma palmilha rígida e uma gáspea (região onde os dedos são encaixados). Picon (2004) cita que sapatilhas de ponta são particularmente desconfortáveis para os artelhos, pois estes devem se ajustar na gáspea e daí alcançar a completa flexão plantar, que é a posição em pontas. Nesta especial construção, a flexão plantar é totalmente atingida, dedos, arcos plantares, e bordo anterior dos pés ficam comprimidos e formam as principais regiões de apoio e sustentação para a bailarina, o que requer um grande esforço neuro-muscular, fisiológico e ósseo, também mencionado por Amadio et al., 2000.

Visto estas considerações, um alto índice de lesões decorrentes da utilização de sapatilhas de ponta vem acometendo praticantes de Ballet Clássico, dentre as principais regiões estão: coluna vertebral, quadril, joelhos, tornozelos e pés (CAILLET, 1989; TUCKMAN; WERNER; BAYLEY, 1991 apud PICON, 2004); Desenvolvimento de calosidades, alterações estruturais da organização dos ossos do pé, alterações dos arcos do pé, entorses de tornozelo, lesões capsulares e ligamentares, lesões de tendões e músculos, lesões nervosas, lesões de receptores articulares, tendinites, fascites plantares, luxações, artrose, esporões de calcâneo, alterações de sensibilidade, deformidades articulares, valgismo e/ou rigidez de hálux, são citados no estudo de Degani et al., 2003.

Em seu estudo de revisão, Khan et al., 1995 (apud PICON, 2003), traz uma completa lista de lesões que acometem bailarinas, dentre elas estão problemas na primeira articulação metatarsofalangeana, lesões nos sesamóides, fraturas por stress nos metatarsos, tendinite do flexor longo do hálux, síndrome do cubóide, dores crônicas na região do tendão calcâneo, dores na face anterior, medial e lateral da tibia, síndrome da articulação patelofemoral, desordens do tendão patelar, problemas na articulação do quadril e problemas na coluna. Muitas destas lesões ocorrem por stress de repetição (64% provocadas por microtraumatismos crônicos), como mencionam Hardaker e Moorman (1986).

Em conformidade com Bertoni, 1992 (apud BARCELLOS; IMBIRIBA, 2002), os pés não devem ser comprimidos, e sim preservar o posicionamento dos dedos entre si mantendo sua estrutura anatômica, possibilitando a elevação na ponta de modo a formar uma continuidade dos pés, pernas, tronco e cabeça. Caso contrário haverá um comprometimento dos músculos e ligamentos envolvidos, alterando a estabilidade do arco plantar e conseqüentemente, incapacitação de movimentos, apoios e impulsos.

O mesmo conceito é abordado por Amadio e Duarte (1996), ao mencionarem que calçados esportivos deveriam ser construídos com objetivos de dar suporte funcional ao pé, considerando sua amplitude fisiológica de

movimento. E ainda, referem-se à existência de aspectos consideráveis no estudo de um calçado ideal, que são: anatomia funcional do pé, análise epidemiológica de lesões e a influência do calçado sobre forças externas e internas atuantes no aparelho locomotor. Já Sammarco e Miller, 1982 (apud PICON, 2003), afirmam que os materiais empregados atualmente na fabricação de sapatilhas de pontas não oferecem aos pés qualquer proteção contra forças externas atuantes.

De acordo com Amadio e Duarte, 1996, em biomecânica, os principais objetivos estão centrados em duas grandes áreas: otimização do rendimento e prevenção de lesões, e controle de sobrecargas do aparelho locomotor. Também Ranney, 1988, cita que o aperfeiçoamento do movimento é um dos objetivos da biomecânica; Através dela pode-se determinar os mais eficientes e efetivos caminhos para completar a ação física do movimento. O mesmo autor ainda cita que, a biomecânica pode indicar ao bailarino direções de como saltar mais alto, girar mais vezes no ar e executar movimentos que pareçam lentos no espaço. Porém, muitos estudos ainda se fazem necessários para que se atinja este grau de rendimento do movimento.

Estudos biomecânicos estão sendo realizados de modo a fomentar ampla interação calçado-esporte, entendendo suas implicações e agregando conceitos e conhecimentos para uma melhor abordagem e construção destes calçados. Cavanagh, 1989 (apud AMADIO; DUARTE, 1996), descreve que o calçado ideal é aquele construído a fim de respeitar as características da modalidade esportiva ao qual se destina.

Em seus estudos Viladot, 1987 (apud AMADIO; DUARTE, 1996), verificou três tipos de pés (figura 2), de acordo com o comprimento das falanges:

- **Pé egípcio (cerca de 69% da população):** caracteriza-se pelo primeiro dedo ser maior que o segundo e os demais conseqüentemente (1>2>3>4>5);

- **Pé grego (cerca de 22% da população):** caracteriza-se pelo segundo dedo ser maior que o primeiro e os demais são menores que o segundo (1<2>3>4>5);

- **Pé quadrado (cerca de 9% da população):** caracteriza-se pelo primeiro e segundo dedos serem do mesmo tamanho e os demais menores (1=2>3>4>5).

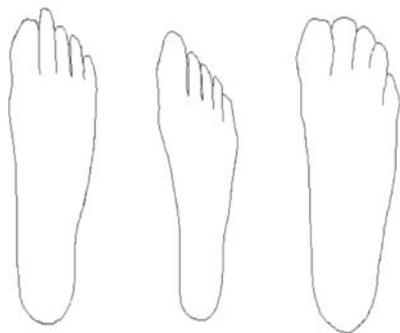


Figura 2. Tipos de pés, de acordo com o comprimento das falanges, adaptado de Dancer (2005).

Outro estudo, (VILADOT, 1991 apud PICON, 2004), definiu outra variação anatômica, que influencia na antropometria dos pés, o comprimento dos metatarsos, que se definem em:

- **Index plus (cerca de 16% da população):** onde o primeiro metatarso é maior ($1 > 2 > 3 > 4 > 5$);

- **Index plus minus (cerca de 28% da população):** onde o primeiro e o segundo metatarsos são do mesmo tamanho ($1 = 2 > 3 > 4 > 5$);

- **Index minus (cerca de 56% da população):** onde o primeiro metatarso é menor que o segundo ($1 < 2 > 3 > 4 > 5$).

Viladot (2005) também aponta os tipos de pés, quanto a sua face plantar (arco plantar) e bases de apoio no solo, que encontram-se como:

- **Pé normal** - É aquele no qual a largura mínima do istmo não chega à metade da largura máxima do antepé.

- **Pé plano de primeiro grau** - A largura mínima do istmo é maior ou igual à metade da largura máxima do antepé.

- **Pé plano de segundo grau** - Há contato da borda interna do antepé com o solo, mas a abóbada é mantida.

- **Pé plano de terceiro grau** - Desaparecimento completo da abóbada plantar.

- **Pé plano de quarto grau** - A largura do apoio é maior na parte central que na anterior ou posterior.

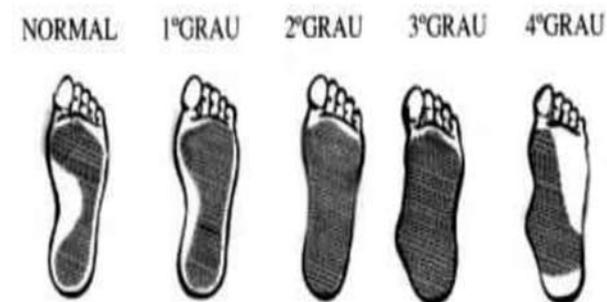


Figura 3. Tipos de pés, de acordo com o grau de apoio do arco plantar no solo, adaptado de Viladot (2005).

O mesmo autor ainda aponta que, para performances com sapatilhas de ponta, um pé ideal seria uma combinação de pé quadrado com forte arco longitudinal e amplo antepé, pois, se o primeiro dedo for menor que o segundo acarretará falha no suporte do peso, e sobrecarga no segundo dedo.

Para que haja um elevado grau de rendimento em performances de dança, com reduzidos riscos de lesões e alterações morfo-estruturais, primordialmente nos pés, o método antropométrico faz-se necessário, dimensionando as causas e conseqüências destas modificações estruturais dos pés, buscando o entendimento das sobrecargas atuantes no aparelho locomotor das bailarinas, com relação ao tempo de exposição a estas sobrecargas, bem como um melhor aproveitamento dos movimentos utilizados no Ballet Clássico.

Assim, os objetivos deste estudo foram caracterizar as dimensões antropométricas dos pés de praticantes de Ballet Clássico (iniciantes e avançados), através de investigações baseadas em conceitos biomecânicos, verificando as estruturas dos pés que estão sendo modificadas com a utilização de sapatilhas de pontas.

Materiais e métodos

Participaram do presente estudo quinze bailarinas, do sexo feminino, preenchendo as seguintes características apresentadas no quadro 1. Foram coletados somente os dados de integrantes femininos, devido à tradição de apenas este gênero dançar em sapatilhas de pontas.

Quadro 1. Caracterização geral da amostra, segundo Idade, Peso corporal, Estatura, Tempos de prática em meia-ponta e ponta, Calce e Membro dominante.

Características Gerais das Bailarinas (n = 15)	Média ± Desvio Padrão
Idade	13 ± 2,1 anos
Peso Corporal	48 ± 7,1 kg
Estatura	157,2 ± 8,14 cm
Tempo de prática em sapatilhas de meia-ponta	9,8 ± 1,78 anos
Tempo de prática em sapatilhas de ponta	3,3 ± 1,30 anos
Calce	36,5 ± 1,38 cm
Membro Dominante	100% Direito

A coleta foi realizada com bailarinas não profissionais, pertencentes ao quadro de alunas do Ballet Expressão da cidade de São Carlos, sem lesões no momento da coleta. Estas, responderam ao termo de consentimento para participação em pesquisa, concordando espontaneamente em realizar o experimento.

Os procedimentos experimentais foram realizados em duas etapas, sendo:

- Avaliação qualitativa do treinamento, conduzida através de um questionário diagnóstico aplicado às bailarinas participantes;
- Avaliação antropométrica, conduzida através de impressão plantar, para determinação das dimensões dos pés.

O questionário apontou para uma avaliação preliminar sobre a rotina de treinamento das bailarinas. Para sua elaboração, foram considerados aspectos acerca do tempo de prática no Ballet, uso das sapatilhas de ponta e possíveis alterações e deformidades dos pés, de acordo com o tempo de treinamento.

Para avaliação antropométrica, foi utilizado um pedígrafo da marca SALVAPÉ, para aquisição de medidas indiretas de comprimento e largura dos pés, que foram registradas em folhas de papel, além de uma fita métrica maleável, para obtenção dos perímetros do antepé e médio-pé, e larguras do antepé e médio-pé.

Também através da impressão plantar, foi calculado para cada pé o Índice do Arco Plantar (índice obtido entre a razão calculada da área do meio pé "A" e a área total do pé "B", excluindo os dedos: $I_{arco} = A/B$, de acordo com Cavanagh e Rodgers, 1987 (apud SÁ, 2001).

Os resultados foram tabelados, com o auxílio do programa Microsoft® EXCEL, e calculados as médias e desvio padrão de cada pé.

Resultados e discussão

Os resultados coletados no questionário diagnóstico são apresentados em porcentagens para as quinze bailarinas, conforme características das questões (Quadro 2).

Quadro 2. Caracterização geral do treinamento das bailarinas, obtida através do questionário diagnóstico.

Características Gerais das Bailarinas (n = 15)	% Dos resultados obtidos
Tempo de prática no Ballet Clássico	46% de 4 a 6 anos
Tempo de prática em meia-ponta	46% maior que 5 anos
Horas/aula na semana	60% de 8 a 10 horas
Horas direcionadas ao treino em pontas	66% de 1 a 2 horas
Tempo de duração de um par de pontas	53% maior que 10 aulas

As informações relacionadas no questionário têm total significância para análise do treinamento e possíveis lesões e/ou alterações decorrentes nos pés das bailarinas.

Com relação ao tempo de prática em meia-ponta (Quadro 1), as bailarinas avaliadas apresentaram uma média alta ($9,8 \pm 1,7$ anos), o que demonstra a utilização pelo professor de um período de fortalecimento de membros inferiores como pré-requisito e manutenção, para que as alunas suportem as exigências da técnica em pontas (BERTONI, 1992; CLIPPINGER-ROBERTSON, 1988, apud PICON, 2004).

Outro fator preponderante que colabora com esta característica, é o tempo de início do treino em pontas ($3,1 \pm 1,3$), enquanto uma bailarina inicia seu treinamento em pontas com 10 anos, outras só iram dar início com 16 anos, estimativa extraída quando comparados os resultados de início em pontas com a idade cronológica das bailarinas, ponto observado também nos estudos de PICON, 2004.

A rotina de treino semanal (Quadro 2) mostrou-se moderada, com oito a dez horas semanais. Esta classificação moderada é fruto das comparações com os estudos de Bertoni, 1992; Clippinger-Robertson, 1988 (apud PICON, 2004), que aborda o treinamento de bailarinos profissionais com no mínimo seis horas diárias.

Desta carga semanal, cerca de uma a duas horas são destinadas ao treino em pontas, dados inferiores aos encontrados por Degani et al., 2003, onde as bailarinas realizavam a prática com frequências de quatro a quatro horas e meia em pontas.

Como resultado da escolha do calçado, 60% apontam o item conforto como o principal quesito de escolha, seguido pelo item anatomia do pé com 25% e durabilidade e resistência com 15% da preferência das bailarinas.

Na questão que norteia a escolha do calçado, dois terços da amostra apontaram os quesitos conforto e anatomia do pé como os principais itens de escolha, visando uma melhor acomodação dos artelhos e antepé, e tolerância à dor quando em pontas.

Relativo à utilização das sapatilhas, 40% das bailarinas disseram que sempre utilizam calçados que respeitam a perfeita adequação de seus pés, quanto as variáveis comprimento, largura e altura dos mesmos; Mas 60% das respostas apontam para um resultado negativo quanto à utilização de sapatilhas que proporcionam um perfeito ajuste, desta amostra, 100% adquirem números acima do seu calce. Nota-se, entretanto que este ponto corrobora com a idéia de desajuste e desconforto encontrados na utilização das sapatilhas.

Segundo informações das próprias bailarinas, 20% alegam nunca ter sofrido qualquer tipo de lesão, alteração ou deformidades decorrentes do treinamento em Ballet Clássico, porém, 80% da amostra afirmam já ter sofrido algum estresse físico, dentre as citações estão: entorses nos tornozelos e joelhos, luxações articulares nos tornozelos, tendinites nos tornozelos e joelhos, estiramentos na coxa e virilha, dores crônicas nos joelhos e joanetes. As lesões citadas são as mesmas apresentadas na literatura, mas de forma menos pronunciada como em bailarinos profissionais (KHAN et al., 1995; TUCKMAN; WERNER; BAYLEY, 1991 apud PICON, 2004).

A maioria da amostra (60%) apontou calosidades (queratinização do tecido epidérmico) nos pés, principalmente na região do antepé (destaque para 1º e 5º metatarsos), e artelhos, que se acredita ser pela grande exigência quando em pontas.

Sapatilhas de ponta são desconfortáveis para os artelhos que devem ajustar-se na gáspea, o mesmo ocorre com a região do antepé, que sofre grande compressão ao alcançar a completa flexão plantar, como mostrou o estudo de Tuckman, Werner e Bayley (1991) (apud PICON, 2004).

Com relação à morfologia dos pés, 66,6 % das bailarinas apresentaram pé do tipo Grego, no qual o segundo dedo é maior que o primeiro e os demais são menores que o segundo; 26,6% exibiram pé do tipo Quadrado, onde o primeiro e segundo dedos são do mesmo tamanho e os demais menores, e 6,6% apresentaram pé do tipo Egípcio, onde o primeiro dedo é maior que os demais. Esta amostra de pés do tipo Grego é um ponto importante, pois este tipo de pé demonstra a ineficiência de suporte exato para tolerar a carga de treino, como menciona Viladot, 1987 (apud AMADIO; DUARTE, 1996), em seus estudos.

Na verificação do grau de apoio do arco plantar, os resultados demonstraram que 73,3 % das bailarinas têm pé do tipo normal, seguido de 13,3 % que apresentaram pé com aplanamento plantar de primeiro grau, 6,6 % apresentaram pé com maior apoio plantar, caracterizando segundo grau, e 6,6 % exibiram pé com significativo aplanamento plantar, principal característica de apoio plantar de terceiro grau, demonstrando que no treinamento em pontas não há resultados de queda do arco longitudinal devido ao estímulo que é aplicado - flexão plantar, embora não tenha sido levado em consideração o estudo do alinhamento mecânico dos músculos do pé.

Com relação as variáveis antropométricas de perímetro e largura, observou-se que existem diferenças anatômicas significativas quando comparados os pés direito e esquerdo dos sujeitos, mas não a ponto de se caracterizar uma real assimetria. O perímetro do pé direito tem um aumento de 0,9 cm2 com relação ao pé esquerdo, este fato observado provavelmente relaciona-se à utilização de calçados com números de calce acima do requerido, mencionado pela totalidade da amostra.

Outro dado que merece discussão relaciona-se ao fato de se encontrar uma largura de antepé (D $11,3 \pm 0,6$ cm2 / E $11,3 \pm 0,6$ cm2), menor que médio-pé (D $12,4 \pm 0,5$ cm2 / E $12,7 \pm 0,5$ cm2), que parece ter relação à carga imposta, além de esforços repetitivos na região dos metatarsos quando em pontas. Desta maneira, tem-se um aumento da perimetria do antepé com menor largura do mesmo, o que também foi constatado nos estudos de Degani et al. (2003).

Relativo às medidas das áreas das superfícies plantares e seus respectivos índices de arco longitudinal, os índices de área foram menores quando comparados os pés direitos e esquerdos, demonstrando uma alteração uniforme das três áreas, podendo estar associados a uma maior compressão à que o aparelho locomotor direito é submetido, conduzindo para alterações das estruturas dos pés; Já o índice do arco longitudinal não teve modificações consistentes, prova de que como mencionado por SÁ, 2001, o arco longitudinal plantar sofre pouca modificação com a evolução da idade, e tem total dependência nos estímulos a que os pés são submetidos (VOLPON, 1994 apud RODRIGUES et al., 2001).

Conclusão

As alterações antropométricas provindas da utilização do calçado são expostas como fatores de desajuste entre a prática e o implemento, já que a parte anterior dos pés fica bastante sobrecarregada durante a posição em pontas.

A principal mudança verificada ocorreu nas variáveis perímetro e largura do antepé, com maior incidência no pé direito, quando comparadas

aos dois pés, que podem levar às lesões e alterações, uma vez que a sapatilha não é desenhada a fim de proteger estresses físicos.

Considerando estas respostas, muitas questões ainda podem ser levantadas a fim de melhor quantificar as forças atuantes nos pés das bailarinas na utilização de sapatilhas de ponta, bem como a ampliação da investigação através de estudos longitudinais, verificação de forças externas e internas atuantes no aparelho locomotor, comparação entre bailarinos profissionais, entre outras.

A utilização do método biomecânico para análise do Ballet Clássico é de extrema valia, respondendo questões levantadas acerca dos movimentos utilizados, além de uma melhor aplicação da técnica sem desenvolvimento de lesões e deformidades que podem acometer o aparelho locomotor de seus praticantes.

Referências:

AMADIO, A.C; DUARTE, M. (Coord.) **Fundamentos biomecânicos para a análise do movimento**. São Paulo: Laboratório de Biomecânica/EEFEUSP, 1996.

AMADIO, A.C.; SACCO, I.C.N.; LOBO DA COSTA, P.H.; PICON, A.P.; SOUSA, F. Peak plantar pressure during ballet movements: a preliminary study. In: **Emed Scientific Millennium Meeting**. München: Proceedings, 2000. p.27.

BARCELLOS, C.; IMBIRIBA, L.A. Alterações posturais e do equilíbrio corporal na primeira posição em ponta do Balé Clássico. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.16, n.1, p.43-52, 2002.

CAILLET, R. **Pé e tornozelo: síndromes dolorosos**. São Paulo, Manole, 1978.

DEGANI, A.M.; SANTOS, A.; COUTO, M.O. Características antropométricas dos pés de praticantes de Ballet Clássico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIOMECÂNICA, 10, 2003, Belo Horizonte. **Anais...**, Belo Horizonte, 2003, p. 295-98.

DANCER. Disponível em: www.dancer.com. Acesso em: 19 out. 2005.

FORÇA ARTICULAR E TRABALHO MECÂNICO MUSCULAR EM SALTOS ELEMENTARES. Disponível em: www.ufrgs.br/propesq/livrosalao/denise.pdf. Acesso em: 09 mar. 2005.

HARDAKER, W.T.; MOORMAN, C.T. Foot and ankle injuries in dance and athletics: similarities and differences. In: SHELL, C. (Ed.) **The dancer as athletes: the 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings**. Champaign: Human Kinetics, 1986. v.8, p.31-41.

KHAN, K.; BROWN, J.; WAY, S.; VASS, N.; CRICHTON, K.; ALEXANDER, R.; BAXTER, A.; BUTLER, M.; WARK, J. **Overuse injuries in classical ballet** – review article. *Sports Medicine, New Zealand*, v.19, n.5, p. 341-57, 1995.

PICON, A.P.; LOBO DA COSTA, P.H.; SACCO, I.C.N.; SERRÃO, J.C.; AMADIO, A.C. Influência da sapatilha e do andamento musical no Sauté em primeira posição: estudo preliminar. **Brazilian Journal of Biomechanics**, São Paulo, v.4, n.1, p. 69-74, 2003.

PICON, A.P. **Estudo biomecânico do ballet clássico: Influência da Sapatilha e do Andamento Musical no Sauté em Primeira Posição**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

RANNEY, D. Biomechanics of dance. In: CLARKSON, P.M.; SKRINAR, M. (Ed.) **Science of dance training**. Champaign: Human Kinetics, 1988. Cap.8, p.125-44.

RODRIGUEZ, M.D; SACCO, I.C.N; SÁ, M.R; SERRÃO, J.C; AMADIO, A.C. Característica antropométrica e somato-sensoriais do pé humano: Um estudo com carteiros paulistas. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE BIOMECÂNICA DO CALÇADO, 1, 2001. **Anais...**, Gramado, 2001, p.59-64.

SÁ, M.R.; BRANDINA, K.; LOBO DA COSTA, P.H.; RODRIGUEZ, M.D.; ÁVILA, A.O.; SERRÃO, J.C.; AMADIO, A.C. Estudo descritivo de parâmetros antropométricos dos pés de crianças de 3 a 10 anos de idade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE BIOMECÂNICA DO CALÇADO, 1, 2001. **Anais...**, Gramado, 2001, p.43-47.

VILADOT. Disponível em: www.ortosite.hpg.ig.com.br/claspediatria.html. Acesso em: 13 out. 2005.

Resumo:

O presente estudo buscou caracterizar as dimensões antropométricas dos pés de bailarinas clássicas, não profissionais, com idade entre $13 \pm 2,1$ anos e experiência na utilização de sapatilhas de pontas, através da aplicação de instrumentação biomecânica, levando ao entendimento das sobrecargas atuantes no aparelho locomotor e modificações conferidas ao mesmo, quanto ao uso sistemático do calçado.

Palavras-chave:

Biomecânica, Antropometria, Ballet Clássico, Sapatilhas de Ponta.

AVALIAÇÃO DO SENTIMENTO DE ANSIEDADE FRENTE AO ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO

*Patrícia Aleixo dos Santos**

*Juliana Alvares Duarte Bonini Campos***

*Carolina Scanavez Martins****

Introdução

Ansiedade e estresse estão freqüentemente relacionados ao tratamento dentário, pois, ambos estímulos psicológicos, como a dor, reações emocionais a esse tratamento são vistos por muitos pacientes como ameaças ao seu bem-estar, como ressaltam Cardoso et al. (2004), apesar da grande preocupação da odontologia atual com a promoção de saúde e a prevenção.

De acordo com Pereira e Queluz (2000), este padrão pode provocar nos indivíduos um sentimento de ansiedade e/ou medo frente à necessidade de tratamento dentário, que podem levar a não visita ao dentista ou à transmissão destes sentimentos a seus familiares, podendo provocar grandes danos à saúde bucal e dificultando o atendimento prestado pelo cirurgião-dentista.

Duarte (1999) não considerava a ansiedade como um fenômeno patológico, mas sim, uma característica da condição eminente humana. Cumpre um papel biológico útil, pois permite desencadear comportamentos adaptativos de diversos tipos (defesa, inibição, ataque, etc.). Portanto, de certo modo, dá ritmo à vida. Entretanto, a ansiedade pode converter-se em um fenômeno desregulador em si mesmo, quando não desempenha sua função de alarme psicobiológico adaptativo, tornando-se uma doença.

Os sintomas mais comuns em relação à ansiedade são: sensação de frio na barriga, taquicardia, sudorese, náuseas, tonturas, palpitações, tremores

* Professora Assistente I (Doutora) da Disciplina de Orientação Profissional no Curso de Odontologia do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, São Paulo, Brasil.

** Professora Assistente Doutora da Disciplina de Bioestatística e Metodologia Científica da Faculdade de Odontologia de Araraquara – UNESP, São Paulo, Brasil.

*** Cirurgiã-dentista formada no Curso de Odontologia do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, São Paulo, Brasil.